



## Provocações ao pensar em tempos de banalização do pensamento freireano

### Resenha

PEREIRA, Thiago Ingrassia. *Atualidade do Pensamento Pedagógico de Paulo Freire*. Cirkula: Porto Alegre, 2018. pp.122.

### *Cristiano das Neves Bodart*

Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), estando vinculado ao Centro de Educação dessa mesma instituição de ensino. Vice-presidente da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS). E-mail: [cristianobodart@hotmail.com](mailto:cristianobodart@hotmail.com)

Thiago Ingrassia Pereira é um entusiasta e militante em prol da Educação Pública. Natural de Gravataí, Rio Grande do Sul, tornou-se educador por via das Ciências Sociais, posteriormente doutorando-se em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e veio a ensinar na Universidade Federal da Fronteira Sul. Forjou-se freireano no caminho dialógico. Sua obra mais recente, “A atualidade do pensamento Pedagógico de Paulo Freire”, foi lançada pela editora Cirkula no Congresso Nacional da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, entidade que preside desde 2016. A produção do referido livro deu-se entre os anos de 2016 e 2018, sendo resultado de atividades desenvolvidas em seu pós-doutoramento, na Universidade de Lisboa, e artigos apresentados em eventos científicos especializados. O autor destaca que o “livro é uma coletânea de textos que tem seu tempo e seu lugar histórico” (PEREIRA, 2018, p.19). Ainda que produzido em momentos e condições distintas, o leitor, ao concluir a leitura, perceberá que, embora sendo uma coletânea de obras produzidas em separado, a obra possui uma coerência sistemática entre os capítulos. A leitura é agradável e estimula a busca por maior aprofundamento na pedagogia freireana.

A coletânea conta com um prefácio da freireana Ana Lúcia Souza de Freitas (UNISINOS) sob o título “Carta-prefácio às leitoras e aos leitores de Paulo Freire: um convite ao ato crítico de estudar” - o prefácio é produzido de forma a convidar o leitor ao diálogo, como preconiza a pedagogia de Paulo Freire. A obra é composta por seis capítulos, além de uma introdução, os quais se distribuem em 122 páginas, em um livro de tamanho A6, que torna o seu manuseio agradável. No fim, o leitor encontrará

uma breve biografia do autor, onde são indicadas suas experiências enquanto educador, pesquisador e militante.

A obra de Pereira é lançada num contexto marcado pelo ataque a Paulo Freire, sendo este recorrentemente responsabilizado pelas mazelas da educação brasileira. Se por um lado, Freire é reconhecido internacionalmente como referência em Educação, no Brasil vem sendo ignorado ou atacado, sem contudo ter sua obra devidamente conhecida pelos seus acusadores. Dentre as acusações está o uso da educação como instrumento de doutrinação, esta entendida como imposição de um determinado pensamento ou valor aos alunos. Pereira disponibiliza ao leitor elementos necessários para compreender que Freire possuía postura e um discurso opostos ao que lhe é imputado.

Thiago Ingrassia Pereira inicia sua obra com a introdução intitulada “primeiras palavras”. Aqui, apresenta o leitor à proposta da coletânea, sua justificativa - apoiada na notoriedade do conjunto da obra de Freire – e estrutura. Propõe um convite ao exercício de “pensar certo” conjugando teoria e prática e “viver o imenso desafio da coerência entre o que lemos, falamos e fazemos” (PEREIRA, 2018, p.19).

O primeiro capítulo, “Freire, um pensador atual?”, é uma provocação, como indica o título, e um convite à reflexão sobre a importância da pedagogia de Paulo Freire e um espaço de destaque de seu reconhecimento nacional e internacional. Será a partir do pressuposto apresentado nessa parte da obra que toda a coletânea se desenvolve. Trata-se do capítulo de maior fôlego e que dá sustentação epistemológica aos demais.

Argumenta o autor, no capítulo primeiro, que a revisitação a Paulo Freire se mostra pertinente, seja considerando a dimensão acadêmica, quanto a dimensão pedagógica de sua obra. Assim, realiza uma reflexão apoiada no conceito de *práxis*, “considerando a relação dialética (relacional, em diálogo) entre teoria e prática. Chama atenção para o fato de que refletir sobre a atualidade de um autor como Paulo Freire, para ser frutífero, demanda a busca por novas perguntas, mais do que respostas; seria a “pedagogia da pergunta”. Para Pereira a atualidade de Freire está na sua contribuição em responder perguntas do presente (mesmo não sendo capaz de nos dar todas as respostas), assim como abrir caminhos para novas possibilidades interpretativas da realidade social. O autor situa Freire em seu tempo e contexto para evidenciar a importância de sua obra numa sociedade desigual e com processos formativos díspares que (re)produzem essas desigualdades. Freire é apontado como fundamental para entender o sistema de ensino brasileiro e os diferentes canais formativos (família, mídia, igrejas, clubes, associações, partidos etc.).

Ainda no primeiro capítulo, Pereira evidencia elementos que atestam o reconhecimento da obra de Freire no Brasil e no mundo, o que não o torna imune a críticas, o que “é muito importante,

tendo em vista que o próprio autor entendia a necessidade da crítica de sua obra” (PEREIRA, 2008, p.29). Contudo, grande parte das críticas dirigidas ao educador, por desconhecimento, são do tipo panfletárias, acusando-o de doutrinação. A obra resenhada colabora para a compreensão de que muitas das críticas ignoram justamente a importância dada por Freire ao diálogo e a valorização do conhecimento do outro. Pereira justifica esse tipo de crítica pela pouca presença de sua obra em cursos de formação inicial de professores. Para o autor, a recepção da obra de Freire se dá, grosso modo, a partir de duas dimensões de sua pedagogia: política e epistemológica. Sob a dimensão política, Freire é mobilizado para a ação política em busca da transformação das estruturas sociais a fim de ampliar a justiça social. A dimensão epistemológica de Freire envolve a relação entre teoria, metodologia e instrumentalização para a transformação do mundo no qual integramos e interagimos. Por isso, as duas dimensões estão imbricadas e são difíceis de serem abordadas separadamente.

É ainda no primeiro capítulo que Pereira apresenta de forma clara e objetiva três perspectivas da obra de Paulo Freire. São elas: perspectiva antropológica, fundada na noção de “inacabamento” do ator social; perspectiva metodológica, centrada na dialogicidade e; perspectiva política, baseada na busca pela transformação social. Após apresentar essas perspectivas, o autor aponta os principais temas que estiveram sob as preocupações de Paulo Freire. Dentre eles destacamos “política e educação”, “alfabetização de adulto”, “Educação Popular” e “desigualdade social e desigualdade escolar”.

No segundo capítulo, Pereira se propõe a responder a pergunta que intitula essa parte da obra: “o que significa ser Freireano?”. Para tanto, apropria-se de sua experiência como educador a fim de argumentar os sentidos de suas escolhas políticas e pedagógicas. Destaca que Freire fazia o convite aos próprios freireanos que o reinventasse, não o repetisse. “De certa forma, pretender-se freireano(a) passa pelo entendimento desta proposta do autor”, afirma Pereira (2018, p. 65).

O capítulo seguinte, intitulado “Diálogos sobre ciência e ‘saber de experiência feito’”, “é um convite à reflexão sobre a produção do conhecimento e a docência em qualquer nível de ensino” (PEREIRA, 2018, p.73). Igualmente aos demais capítulos, o autor parte de perguntas que buscam problematizar ao longo da obra. No caso desse capítulo, destaca-se a seguinte pergunta: “como vivemos a tensão entre a reprodução de conteúdos considerados legítimos em nossa área de formação? Utilizando-se dessa indagação, Pereira revisita a noção de “saber de experiência feito” de Freire a fim de destacar o lugar legítimo, na prática de ensino, do conhecimento que trazem os alunos às salas de aula; suas leituras do mundo. Os saberes populares têm, em Freire, destaque na prática pedagógica como ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem. Pereira reforça “que *partir* não é *ficar* no pensamento originário de nossas experiências, pois é fundamental a devida apropriação do pensamento sistemático por parte dos(as) educandos(as)” (PEREIRA, 2018, p.78).

Ao problematizar o lugar dos saberes populares na obra de Freire, Pereira – seguindo o próprio conselho de relacionar Freire a outros autores – realiza um diálogo com Boaventura de Souza Santos e José de Souza Martins. Nesse momento, busca destacar que sob as contribuições dos três autores é possível compreender, no processo pedagógico, a importância de *partir* do senso comum do(a) educando(a) para tornar a aprendizagem mais significativa e demonstrar respeito pelo conhecimento dos alunos. Destaca, ainda, a importância de dar voz às classes populares para não perpetuar a condição do homem comum de “vítima das circunstâncias da história”. Em José de Souza Martins encontra bases para destacar que a matéria prima do conhecimento, em especial sociológico, está na vida cotidiana. Pereira aproxima esses autores não apenas para apontar suas aproximações, mas também para destacar as possibilidades de avanços “na construção de análises rigorosas e de referência para a sociologia e a Educação” (PEREIRA, 2018, p.88).

O penúltimo capítulo dialoga com o anterior ao trazer à tona a “Educação Popular e a Educação Não Formal”, título dessa parte da obra. Aqui o diálogo promovido é entre Maria da Glória Gohn e Paulo Freire, argumentando que estudá-los “dá pistas de como na confluência da intencionalidade podemos entender e transformar o mundo” (PEREIRA, 2018, p.111). O capítulo inicia conceituando os dois tipos de educação. É latente nesse capítulo a abordagem política da temática, espelho do caráter das obras de Gohn e Freire. Tanto o autor quanto suas referências partem do princípio de que a Educação Popular é um compromisso político e epistemológico que compreende uma ação política de transformação social.

Por fim, no último capítulo, Thiago Ingrassia Pereira nos fornece indicativos de leituras freireanas “com o objetivo de ofertar um itinerário formativo no pensamento pedagógico de Freire” (2018, p.113). Nesse ponto indica alguns centros e institutos de pesquisas especializados nas obras de Paulo Freire, bem como leituras básicas, alguns trabalhos de comentaristas, além de um conjunto de artigos científicos.

Mesmo sendo uma coletânea de artigos – convertidos em capítulos - há uma coerente organização entre as partes, de forma que a obra não parece fragmentada. Acredito que essa unidade tenha relação direta com a trajetória intelectual recente do autor, sendo suas preocupações marcadas por um fio condutor epistemológico coeso.

Há uma preocupação em iniciar com uma apresentação das bases epistemológicas e metodológicas freireanas, das quais o autor se apropria nos capítulos seguintes. Coerente com a proposição de que a atualidade de Paulo Freire estaria na possibilidade de pensar sua obra em conjunto com outros autores, Pereira traz para o diálogo pesquisadores importantes para pensar o lugar do saber popular (Boaventura de Souza Santos e José de Souza Martins) e da Educação Popular (Maria da

Glória Gohn). Tal diálogo possibilitou revisitar o pensamento de Paulo Freire, assim como tecer críticas necessárias para manter um “pensamento científico vivo”, nos termos de Lahire (2017). Concordamos com Lahire (2017, p.13) ao afirmar que “para mantermos um pensamento científico vivo é preciso regularmente aceitar submetê-lo à discussão, à revisão parcial” e Paulo Freire também estava de acordo com essa prática, tendo afirmado que “[...] o educador progressista deve estar sempre em mudança, continuamente reinventando-me [...]” (FREIRE, 2001, p. 61).

A obra discute a atualidade do pensamento pedagógico de Paulo Freire, e aborda também o seu potencial político. Mesmo não sendo objetivo do autor, nos parece importante mencionar que uma contextualização do lugar político ocupado por Paulo Freire enriqueceria ainda mais a obra resenhada. Explicitar, por meio de uma breve biografia, a situação (o lugar) de Freire no mundo seria colaborativo para o entendimento de sua posição discursiva, fornecendo maiores possibilidades do não iniciado no pensamento freireano compreender ainda melhor sua *práxis*.

A obra de Thiago Ingrassia Pereira mostra-se importante pelas provocações ao pensar em tempos de banalização do pensamento freireano. Pereira mostra-se ciente dos retrocessos que envolvem a vulgarização e perseguição ao pensamento de Freire no Brasil, e busca contribuir para esclarecer aos interessados que pouco ou nenhum contato tiveram com sua obra. Para isso, o método/estratégia adotado pelo autor é o processo dialógico preconizado por Freire.

## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Editora UNESP: São Paulo, 2001.

LAHIRE, Bernard. Para uma sociologia em estado vivo. In: VISSER, Ricardo; JUNQUEIRA, Lília. (Orgs.). *Dossiê Bernard Lahire*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2017.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. *Atualidade do Pensamento Pedagógico de Paulo Freire*. Cirkula: Porto Alegre, 2018. pp.122.

*Recebido em: 10 de dezembro de 2018*

*Aceito em: 28 de janeiro de 2019*